

Ghosting e mooning: rompimentos de relacionamento na internet

Patrícia Margarida Farias Coelho
Hermes Renato Hildebrand

A internet conecta diariamente milhões de pessoas em todo o mundo. Essas vidas, que se entrelaçam e interagem por meio da rede, formam o que Castells (2011) chamou de sociedade digital. Este artigo objetiva discutir como as relações afetivas, que nascem e se estabelecem *na* e *pela* internet, terminam. Trata-se de dois novos tipos de comportamento que ficaram conhecidos como *ghosting* e *mooning*.

O primeiro termo que surgiu foi *ghosting*, derivado do inglês *ghost*, que significa fantasma. Ele tem sido utilizado para definir relacionamentos que são encerrados de forma abrupta e repentina, cortando todo o tipo de comunicação com o parceiro, dentro e fora das redes. O simples corte sem qualquer tipo de justificativa, em algumas pessoas, pode provocar traumas, pois a ausência de explicações do parceiro não deixa conhecer as razões que levaram ao fim do relacionamento.

Já a segunda terminação é o *mooning*, procedente da palavra inglesa *moon* (“lua”). Essa expressão surgiu tempos depois do *ghosting*, a partir da associação do símbolo de lua do celular, que é acionado quando não queremos ser incomodados por ninguém. O jornalista Paulo Nobuo assim explica:

[...] Levado às relações amorosas, indica o comportamento de simplesmente ignorar o outro, silenciando chamadas e bloqueando ligações e mensagens, sem que a pessoa saiba que isto está acontecendo. Tão covarde quanto o “ghosting”, o “mooning” também sinaliza para um fenômeno de superficialidade nos relacionamentos, algo bastante comum entre as gerações mais novas, usuárias de apps de paquera, que sempre podem considerar que “um pretendente melhor” está a apenas um deslizar de dedos na tela do celular (NOBUO, 2017).

Dessa forma, o que diferencia o *ghosting* do *mooning* é que no primeiro o parceiro some e bloqueia qualquer tipo de contato com o outro, enquanto no segundo a pessoa *vira as costas para a outra*, “colocando-a para dormir”, em uma espécie de castigo, mas não sumindo totalmente, já que continua sabendo sempre que a outra ainda a procura. Assim, tanto o fenômeno *ghosting* como o *mooning* podem ser compreendidos como uma *cacofonia ao avesso*, pois, diferentemente do que acontece na rede, que apresenta uma *exacerbação da cacofonia digital* na qual as vozes de vários usuários se unem produzindo

sons discordantes e desafinados, no *ghosting* e no *mooning* ocorre o contrário: o silêncio/ausência é o que fala.

Essa hipótese se sustenta, pois a pessoa é abandonada e excluída da convivência digital com quem mantinha, até então, contato bem próximo; logo, a pessoa-usuária abandonada e excluída passa a escutar a reverberação da sua própria voz, produzindo, por vezes, sensações sinestésicas de dor, angústia, depressão e ansiedade pelo sentimento de abandono causado pelo repentino sumiço do parceiro. Compreendendo esse contexto, quanto mais o *ser abandonado* busca pelo outro, mais sente e reverbera a sua própria presença e/ou a presença do outro (na rememoração de seus sentimentos e pensamentos). Tudo isso na ausência *das* e *nas* redes sociais digitais de seu outrora parceiro amoroso.

Essa *cacofonia ao avesso* é possível porque a internet permite que algumas pessoas se escondam e sumam por meio da aparente invisibilidade consentida pela rede, formada por uma multidão de sujeitos *com* e, muitas vezes, *sem rosto*. A pessoa vítima do *ghosting* e do *mooning* pode ter reações imprevisíveis, uma vez que o contrato fiduciário, ou seja, a troca de objetos de valor (afetivo/afetividade) entre os parceiros é transformada pelas distintas teias que formam essa rede, deixando o apaixonado no total silêncio falante, isto é, em um universo assoberbado por uma multidão de vozes que se sobrepõem, na qual fora excluído de uma de suas teias, ficando, assim, sua rede rompida.

Bauman (2003), em seu livro *Modernidade líquida*, já evidenciava o potencial das redes sociais para as relações amorosas há mais de dez anos. Salgado (2012), complementando as ideias de Bauman (2003), corrobora explicando que os *sites* de namoro (e afins) são, na atualidade, espaços de trocas e vendas de afeto, em ambiente digital, onde se tem um supermercado de gente, com oferta e procura de afeição e de relacionamento. Dessa maneira, passamos a ter um valor no mercado digital, como, por exemplo, beleza, intelectualidade, idade, dentre outros. Somente após a averiguação, o contato e a aprovação em outros itens é que o sentimento se concretiza ou não. Logo, diferentemente do que acontece nas relações pessoais fora da rede, onde a simpatia, a troca de olhares e a paquera sucedem prioritariamente, em um primeiro momento, no espaço digital a racionalidade sobrepõe-se ao passional.

A partir dessa contextualização, são propostos três objetivos a serem alcançados neste estudo, a saber: (i) refletir sobre as características de usabilidade de dois aplicativos de relacionamento: Tinder e Happn; (ii) verificar as peculiaridades do *ghosting* e do *mooning*; e (iii) compreender como os fenômenos *ghosting* e *mooning* despertam o sentimento de ansiedade na pessoa que foi abandonada.

Este estudo, de caráter interdisciplinar e que respeita a epistemologia de cada teoria, tem como arcabouço teórico os conhecimentos de Oliveira (2016), Cury (2014) e Silva (2011), que se debruçam sobre o tema da ansiedade e, de outro lado, os estudos que se dedicam à compreensão do afeto nas redes sociais (GOMES, 2017; SALGADO, 2012; BAUMAN, 2003).

Os fenômenos *ghosting* e *mooning* são as novas formas de término da relação amorosa emergentes *da e na* sociedade digital. Por isso, é importante estudá-las, descrevendo suas manifestações nas redes sociais digitais. Assim, nos próximos tópicos, será analisada a cacofonia das redes em seu avesso: silêncio/ausência falante.

1. Tinder, Happn e suas possibilidades de interação e afeto

Para compreendermos o perfil dos usuários dos aplicativos de relacionamento, apoiar-nos-emos nas pesquisas de Gomes (2017), Salgado (2015), Bauman (2003; 2004) e Silva (2000), que abordam as redes sociais como espaços para a busca de relações afetivas. Os *sites* de relacionamento facilitam o contato entre as pessoas, possibilitando que indivíduos tímidos ou ocupados conheçam gente sem ter de sair de casa (GUIMARÃES, 2002). Exemplos desse tipo de rede social digital são o Tinder e o Happn, apresentando, no entanto, características de usabilidade distintas. Salgado (2015, p. 54) explica que, em 2012, o Tinder foi criado e “pode ser instalado em aparelhos móveis para os programas Android ou iOS, permitindo a um indivíduo ‘puxar’ seus dados (como nome, idade, fotos e as comunidades ‘curtidas’) do Facebook para o aplicativo”. Além disso, o usuário recebe fotos e informações de pessoas próximas de sua localização e somente pode rever esses dados e conversar com esses contatos caso a pessoa sancionada também clique nele positivamente.

O Happn, por sua vez, “exibe diversas opções na tela de pessoas que cruzaram com você pela rua. Assim, você pode voltar e rever as fotos daquela pessoa que chamou a sua atenção” (LORENZONI, 2016). Ressaltamos que, embora os aplicativos tenham funções de usabilidade distintas, ambas utilizam o mecanismo de geolocalização.

Assim, os relacionamentos construídos *nos e pelos* aplicativos fazem com que os usuários tenham a *ilusão* de uma proximidade e intimidade. Essa proximidade pode até ser geográfica, estando, talvez, a apenas alguns metros de seu futuro parceiro amoroso. Todavia, não é, de fato, próximo sentimentalmente, por ser essa uma presença virtual, ou

seja, é a imaterialidade da web que eles estão experimentando, cada um de um lado da tela. Somente após algumas trocas de mensagens de voz e/ou por escrito é que se determina se os diálogos continuam ou não além do aplicativo, indo, então, muitas vezes, para outras plataformas mais particulares, como, por exemplo, Facebook, WhatsApp e Instagram (GOMES, 2017).

O usuário é responsável por suas ações, tanto no ambiente digital como fora dele. É por isso que Salgado (2015, p. 50) afirma que “os *sites* de namoro são tipificados como supermercados de gente”, pois apresentam uma estética semelhante a uma vitrine comercial, em que, nesse caso, o produto exposto é a imagem de uma pessoa. O indivíduo, ao expor suas fotos nesses aplicativos, aspira ser objeto de desejo do outro, e, receber, assim, sua aprovação, ou seja, ser escolhido dentre milhares de perfis criados na rede. É responsabilidade de cada usuário se colocar nesse *mercado de gente*, tanto quanto sair ou permanecer nele.

Ao acessarmos os perfis dos usuários nesses aplicativos de relacionamentos, encontramos diferentes tipos de fotos. Os internautas, ao visualizarem as diversas fotografias dos perfis cadastrados, podem enviar mensagens personalizadas e iniciar, assim, algum tipo de interação (GOMES, 2017). Ressaltamos que as possibilidades de conversação são sempre mediadas pela plataforma que o usuário escolheu para se cadastrar. Por conseguinte, essa nova forma de diálogo permite que usuários desconhecidos e sem fama ganhem visibilidade na rede, conversando e trocando experiências em um espaço no qual se sentem seguros. Silva (2000) explica esse ciberespaço:

O tempo parece andar bem mais rápido no Ciberespaço, onde alguns dias de convívio são suficientes para sentir-se íntimo e estabelecer relações bastante intensas de amizade ou mesmo de amor, que podem ter uma certa duração ou esvanecerem com a mesma velocidade com que se estabelecem. Esta “compressão” da temporalidade exerce uma forte influência na sociabilidade on-line, que se apresenta extremamente dinâmica e fluída, com os grupos sendo constantemente renovados através da contínua saída e entrada de pessoas (SILVA, 2000, p. 184).

Dessa maneira, o Tinder e o Happn possibilitam a construção de um tipo de afeto instantâneo. Bauman (2004) nomeia isso como *amor líquido*, no qual os indivíduos discorrem sobre um amor romântico, mas buscam, em geral, um amor que prioriza somente os prazeres físicos, e, por isso mesmo, quando começam os problemas e/ou os sofrimentos, há troca de parceiro, pela facilidade e rapidez com que os aplicativos

permitem aos usuários conhecer/adicionar outras pessoas e excluir seus contatos (GOMES, 2017). Logo, em um contexto de *amor líquido* surge um perfil de usuário com um comportamento que é, ao mesmo tempo, prático e afetivo, pois, a partir das informações disponibilizadas pelo usuário, surge o interesse e, conseqüentemente, a possibilidade do afeto (DERVIN; REINHARD, 2007).

De acordo com Bauman (2004), há uma relação estreita entre inteligência e afetividade: primeiro, os *sites* de relacionamento atraem os usuários pelo inteligível, e depois atingem exacerbadamente o sensível, porque, quando já sabem e conhecem o contato adicionado, surge um interesse intenso em conhecer presencialmente o usuário que é amigo da rede para além do bate-papo do aplicativo. O aumento da afetividade dependerá das conquistas realizadas na vida social e em outros contextos para além do virtual. Assim, entende-se que as facilidades de interação permitidas *nos* e *pelos* aplicativos Tinder e Happn atraem e seduzem os usuários, na maior parte das vezes positivamente, aumentando a probabilidade de estes permanecerem utilizando os aplicativos.

A internet tornou-se, com isso, um espaço propício para a busca de relacionamento, com seus milhões de internautas interagindo o tempo todo. Os aplicativos de relacionamento Tinder e Happn ganham, a cada instante, novos usuários que buscam na velocidade da luz parceiros em potencial para compartilharem, seja para um papo, para um encontro e, se tudo der certo, para um relacionamento sério. Observadas as características de usabilidade do Tinder e do Happn, partimos para o tópico seguinte, no qual vamos compreender as peculiaridades do surgimento dos fenômenos *ghosting* e *mooning*.

2. *Ghosting* e *mooning*: concepção e caracterização

Ghosting é o vocábulo que tem sido empregado para definir a maneira abrupta com que alguns parceiros estão rompendo as suas relações amorosas atualmente. O processo consiste em um dos parceiros desaparecer das redes sociais e dos aplicativos, deixando, assim, o companheiro na ausência de sua outrora reiterada presença. A rede digital facilita o comportamento e a ação daquele que abandona e some na web, pois permite que os internautas se desconectem a qualquer momento *do* e *no* mundo virtual.

O fenômeno *ghosting* tem crescido em todo o mundo, de acordo com informações da BBC Brasil de 6 de dezembro de 2015:

O termo vem ganhando popularidade nos últimos anos e foi eleito como uma das palavras de 2015 pelo dicionário britânico Collins. Encerrar um relacionamento da noite para o dia, cortando todo tipo de comunicação, não é novo. Mas alguns especialistas afirmam que as novas tecnologias tornaram esta prática mais comum. Em uma época em que muitas relações começam por meio de sites ou aplicativos dos celulares, o *ghosting* é algo cada vez mais comum (BBC BRASIL, 2015).

Outro fenômeno que surgiu posteriormente e assemelha-se ao *ghosting* é o *mooning*. Esse também se refere à finalização de um relacionamento pela web, sem que haja um encontro e uma explicação para o seu término. Os dois novos fenômenos, *ghosting* e *mooning*, caracterizam-se como uma ação de desaparecimento. Conforme nos explica Nabuo (2017):

[...] *ghosting* significa “tomar um perdido”. Ou seja, quando você está se relacionando com alguém e, de nada, a pessoa simplesmente desaparece sem dar satisfações. O “ghosting” está relacionado a paqueras ou ficantes que, sem aparente motivo, deixam de responder às suas mensagens no celular, e-mails, redes sociais ou ligações. Quem aplica o “efeito fantasma” normalmente quer evitar qualquer tipo de explicação ou diálogo sobre a relação, tornando o caso superficial.

O *mooning* indica o comportamento de simplesmente ignorar a outra pessoa, silenciando e bloqueando chamadas e mensagens sem uma explicação prévia para o parceiro. Logo, destacamos que *ghosting* não é igual a *mooning*, embora eles tenham muitos pontos semelhantes: o sumiço que desperta o sentimento de abandono no outro.

Regis, Antunes e Padilha (2004) explicam que a internet cria uma outra dinâmica de relacionamento, permitindo tanto o anonimato quanto a experiência de desaparecimento das plataformas digitais. Dessa maneira, os conflitos, as mentiras, os problemas e as decepções da relação a dois se complexificam no ciberespaço a partir do surgimento dessas duas novas estratégias para terminar um relacionamento. A Associação Americana de Psicologia (APA) reconheceu oficialmente a dependência da internet como uma nova doença, conhecida pela sigla IAD, que quer dizer *Internet Addiction Disorder*, designando, assim, um distúrbio por dependência em internet, que causa tantos prejuízos aos dependentes quanto as drogas e os jogos de azar. Essa dependência está relacionada à necessidade de alguns usuários permanecerem conectados ao mundo cibernético durante 24 horas por dia. Por estarem *on-line*, optam por conhecerem pessoas que estejam

no universo digital e, por isso, acabam também tanto rompendo o relacionamento como sendo vítimas dessa ruptura a partir da web. A esse respeito, explica o jornalista Filomeno (2017):

Não é porque as redes sociais e tecnologias em apps promovem a conectividade quase 24 horas que as pessoas são obrigadas a serem políticas ou responder de bate e pronto sua mensagem. Fato. Mas, faça um pequeno exercício mental. Se alguém gosta e se preocupa com você, vai tentar te dar um feedback assim que possível. Sim, reuniões importantes, morte ou doenças de familiares são traumáticas, fim da bateria de celular é até uma desculpa plausível, mas não dá pra ouvi-las a todo instante. Se o silêncio acontecer por um período superior a 24h e ninguém roubou o aparelho da pessoa, provavelmente você está tomando um fora no mesmo estilo (FILOMENO, 2017).

Atualmente, com o desenvolvimento da tecnologia, percebe-se que se tornou relativamente mais *fácil* e menos problemático finalizar um relacionamento, pois basta apagar a pessoa de sua rede social e seguir adiante, sem dar explicações e/ou justificativas. Finalizar um relacionamento é algo difícil e desgastante na maioria das vezes, uma vez que é árduo explicar ao outro o porquê de não mais desejar estar ao lado dele. Com esses obstáculos, é mais direto entrar e sair dos aplicativos de relacionamento ou excluir contatos do que encerrar uma relação de maneira formal e explícita. Verificamos, assim, que as vítimas de *ghosting* e de *mooning*, ao serem descartadas e ignoradas pelo parceiro, têm a autoestima abalada e podem desencadear traumas psíquicos, como já alerta o APA e outras organizações mundiais que estudam o fenômeno.

3. *Ghosting* e *mooning* como desencadeadores de ansiedade

Sabemos que, com a proliferação da cultura digital (CASTELLS, 2011) e a evolução dos aparatos tecnológicos, nossas ações cresceram e se fortaleceram *nas* e *pelas* redes sociais digitais. Cada vez mais nossas vidas se materializam *na* e *pela* internet. Passamos a fazer compras, cursos, paquerar, dentre outros, tudo pela web. No entanto, se a evolução digital trouxe benefícios, é inegável que tenha trazido também alguns problemas, como são os casos dos fenômenos *ghosting* e *mooning*.

Essas duas tendências emergentes do universo digital têm causado malefícios às suas vítimas, gerando sentimentos de abandono e ansiedade. O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2014) define *abandono* como “1. Grande mal-estar físico

e psíquico; aflição; agonia; 2. Desejo veemente, impaciente”. Tendram (1997) explica que a ansiedade tem origem em experiências traumáticas que nos afetaram emocionalmente, psicologicamente e/ou fisicamente em algum momento de nossa vida, e ficaram armazenadas em nosso inconsciente.

Cury (2014) explica que esse sentimento é desencadeado por perdas de objetos, desamparos psíquicos e rupturas de relacionamentos, como no caso do *ghosting* e do *moonning*. Segundo Silva (2014), a ansiedade é considerada o mal dos tempos modernos, embora já esteja presente em nossa genética, pois:

Diversos estudos demonstram ser uma emoção primária (inata) do ser humano, necessária para proteção e perpetuação da espécie. Está incrustada em nosso DNA e faz parte da nossa existência. Sua abrangência vai desde a decisão de lutar ou fugir até o acúmulo traiçoeiro que deságua no estresse, levando ao esgotamento físico e mental (SILVA, 2011).

A ansiedade surge diante de uma situação de tensão, como ocorre, em geral, com as vítimas do *ghosting* e do *moonning*, que têm medo de não serem mais ouvidas nessa *cacofonia aos avessos*. Verificamos que, ao ser abandonado, o indivíduo desenvolve, muitas vezes, o sentimento de rejeição e tristeza profunda, chegando até a casos de diagnóstico de depressão. Oliveira (2016) alerta que a depressão retira o prazer de viver, a alegria e a afetividade do indivíduo, que passa a sentir um medo exagerado.

Dessa forma, constatamos que ser vítima de *ghosting* e/ou *moonning* acaba despertando sentimentos de medo. E um misto de sensações pode levar o indivíduo a manter um constante estado de desânimo, uma vez que o ambiente virtual potencializa o comportamento antissocial de alguns. Ressaltamos que talvez a pessoa que pratica o *ghosting* e/ou *moonning* tivesse uma atitude distinta antes da evolução do ambiente digital e que, com a falsa ilusão da imaterialidade da web, potencializa as ações de covardia, como, por exemplo, o *bullying*, o *trolling*, o *cracking*, contra o outro, tornando o território digital um ambiente frágil frente aos ataques de ódio. Além disso, as punições e as leis caminham para serem estabelecidas, ainda que muito já se tenha feito, em especial no Brasil, com o Marco Civil da Internet (Lei N° 12.965/14).

Na prática do *moonning*, a pessoa ignora as mensagens sem que o outro saiba. Podemos pensar que esta *parece ser* uma forma menos agressiva que o *ghosting*, em que a pessoa decide simplesmente não falar mais com o outro e o bloqueia de todas as redes sociais e aplicativos. No *moonning*, a pessoa sabe que o outro a procurou, já que recebe

uma notificação avisando sobre isso. Embora aparente ser menos cruel, também desperta na pessoa abandonada sensações de desamparo e rejeição, principalmente porque essa atitude de não retornar o contato é considerada, na maioria das vezes, como descaso e/ou desprezo.

Silva (2011) explica que o sentimento de abandono desperta ansiedade, e esse transtorno pode se transformar em uma doença física, pois o corpo somatiza as frustrações, os medos, a tristeza e as transforma em enfermidade (cf. CURY, 2014). Dessa forma, verificamos a importância da palavra, do afeto e do respeito para os usuários da internet, em especial em aplicativos como o Tinder e o Happn, que vituperam essa importância, propondo novas práticas de relacionamento amoroso. Se a evolução tecnológica nos trouxe a facilidade de conhecermos pessoas e interagirmos, consequentemente possibilitou que surgissem novos problemas resultantes dessa modernidade líquida que traz consigo uma misteriosa fragilidade *das e nas* relações humanas (BAUMAN, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, compreendemos como dois aplicativos de relacionamento, Tinder e Happn, disponíveis para *download* no celular, *coisificam* seus usuários, pois estes passam a pertencer a uma grande *vitrine humana*, que os expõe como produtos a serem consumidos. Isso tem permitido que as pessoas mudem seus costumes e as formas de se conhecerem e até de se relacionarem, principalmente, quando desejam finalizar uma relação afetiva.

Os dois aplicativos de relacionamento apresentam características de usabilidade diferentes. Enquanto o Tinder permite que você conheça pessoas apenas curtindo as fotos, sem necessariamente encontrá-las fisicamente, para o Happn esse é um critério utilizado a fim de acessar as fotos de futuros pretendentes, ainda que ambos os aplicativos utilizem recursos de geolocalizadores. Dessa maneira, mesmo que o usuário instale os dois aplicativos no celular, ele terá respostas distintas.

Evidenciamos que as peculiaridades do *ghosting* e do *mooning* são parecidas, mas também possuem características que as diferem, a saber: o primeiro se refere a deixar de atender ao celular sem um motivo aparente, não responder aos e-mails e bloquear a pessoa nas redes sociais; já o segundo se caracteriza pelo acionamento do símbolo de lua de seu

telefone para não ser mais perturbado por uma determinada pessoa. A principal diferença entre essas duas novas tendências emergentes da web é que, enquanto no *ghosting* a pessoa quer de fato desaparecer da vida de alguém, no *mooning* a pessoa não quer que o outro tenha notícias dela, mas quer continuar recebendo notificações daquela *pessoa bloqueada*. Dessa forma, depreendemos que ambas as ações são nocivas para quem é vítima, pois despertam sentimentos sinestésicos de medo e dor, somatizados no corpo na forma de ansiedade. A pessoa, ao ser deixada, sente-se descartável e ignorada pelo outro. Emerge então no corpo uma sensação desagradável, uma perturbação interior e uma aflição excessiva por não ter mais notícias de seu objeto de desejo: seu paquera (CURY, 2014; SILVA, 2011). A ansiedade, quando não tratada adequadamente, pode se tornar uma doença física e afetar a vida da pessoa fora do virtual, trazendo problemas familiares, no trabalho e de relacionamento com os amigos.

Constatamos com esse estudo que a *cacofonia ao avesso* se concretiza nas redes, principalmente, com as novas tendências que surgem na internet – *ghosting* e *mooning* –, a partir de um amor líquido, ou melhor, de um desamor líquido que nasce e morre na internet, em que a pessoa passa a ser ignorada pelo outro e tem como retorno apenas a sobreposição de sua voz, que se propaga como um enorme eco pelas redes digitais. Dessa forma, estamos cada vez mais imersos na *Era do amor líquido* (BAUMAN, 2004), que nos obriga a reaprender as formas de amar, de nos relacionar e de romper relacionamentos nesse universo digital.

Referências

APA - American Psychological Association. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4th ed.). Washington: 2006. Disponível em: <<https://www.nlm.nih.gov/research/umls/sourcereleasedocs/current/DSM4/>>. Acessado em: 2 set. 2017.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.

_____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

BBC BRASIL. *Ghosting: a maneira cruel de acabar com relacionamentos na era digital*. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151206_ghosting_relacionamentos_fn>. Acessado em: 2 set. 2017.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CURY, A. *Ansiedade: como enfrentar o mal do século - a síndrome do pensamento acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos*. São Paulo: Saraiva, 2014.

DERVIN, B.; REINHARD, C. How emotional dimension of situated information seeking relate to user evaluations of help from sources: an exemplary study informed by sense-making methodology. In: NAHL, D.; BILAL, D. (Ed.). *Information and emotion: the emergent affective paradigm in information behavior research and theory*. Medford: Information Today, 2007, p. 51-84.

FILOMENO, L. Ghosting, a moda de sumir de um relacionamento. *Manual do Homem Moderno*. Disponível em: <<http://manualdohomemmoderno.com.br/comportamento/ghosting-a-nova-moda-de-sumir-de-um-relacionamento-do-nada>>. Acessado em: 2 set. 2017.

GOMES, R. de L. *Afeto nas redes sociais: uma análise semiótica dos usuários maiores de 50 anos nos sites de relacionamento*. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*. Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro – UNISA. São Paulo, 2017.

GUIMARÃES, G. M. Relações virtuais, aurora de um novo pensar. 2002. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~ciber/rba_guimaraes.html>. Acessado em: 15 jun. de 2016.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LORENZONI, L. *Tinder x Happn: qual o melhor aplicativo de relacionamento?* Disponível em: <<http://www.psaf.com/blog/tinder-x-happn-qual-o-melhor-aplicativo-de-relacionamento/>>. Acessado em: 2 set. 2017.

NOBUO, P. *Ghosting e mooning: duas formas modernas e covardes de terminar um relacionamento*. *Vix*. Seja. Disponível em: <<https://www.vix.com/pt/amor/546803/ghosting-e-mooning-duas-formas-modernas-e-covardes-de-terminar-um-relacionamento>>. Acessado em: 2 set. 2017.

OLIVEIRA, N. A. de. *Transtornos mentais sob um novo prisma – etiopatogenia, diagnóstico e tratamento integrado psiquiatria, neurociências e espiritualidade*. Aracaju: J. Andrade, 2016.

REGIS, M. R.; ANTUNES M. C.; PADILHA M. G. Sexo virtual e infidelidade: concepções de usuários de salas de bate-papo[CD-ROM]. *Resumos de Comunicações Científicas*. Ribeirão Preto: SBP, 2004.

SALGADO, M. de M. A gamificação do romance entre jovens. 49 a 69p. In: *A onipresença dos jovens nas redes - Goiânia, GO: FUNAPE: MEDIA LAB/ CIAR UFG/ GRÁFICA UFG, ROCHA, C.; SANTAELLA, L. (Orgs.), 2015*.

SILVA, A. M. A. C. da. *Reconectando a sociabilidade online e off-line: trajetórias, formação de grupos e poder em canais geográficos no Internet Relay Chat (IRC)*. Dissertação de Mestrado não publicada, Programa de Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2002.

SILVA, A. B. *Mentes ansiosas: medo e ansiedade além dos limites*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

TENDAM, H. *Cura profunda*. São Paulo: Summus, 1997.

KRAFFT-EBING. *Psychopathia Sexualis*. 1886.

Sites consultados:

<http://nymag.com/betamale/2016/06/benching-ghosting.html?mid=facebook_nymag>

<<http://fortune.com/2016/03/28/millennial-singles-ghosting/>>

<<http://www.theguardian.com/lifeandstyle/shortcuts/2016/mar/29/how-ghosting-became-phenomenon-in-modern-dating>>

<<http://www.huffingtonpost.com/news/ghosting/>>